

93 mil
pediram para
ser banidos
das apostas
online **P36**

Vício O jogo online atrai cada vez mais pessoas, mas crescem os pedidos de ajuda: 93,6 mil pediram a autoexclusão nos últimos três meses

CHAPA GANHA, CHAPA GASTA: UM HOBBY DE RISCO

Texto **HELENA VIEGAS**
Ilustração **ALEX GOZBLAU**

O valor de uma aposta desportiva não pode exceder 1% do montante que nesse momento tem em carteira. Para Mário (nome fictício), 43 anos, engenheiro a viver em África, *jogo online* é hoje sinónimo de apostas desportivas, e essa é a regra. O Top 5 das ligas europeias de futebol é a sua praia, mas "o objetivo é agora estar entretido aos fins de semana e dar emoção aos jogos", diz. A maturidade trouxe-lhe a noção dos limites. "Tem de haver uma regra...", avisa.

Mário chegou ao *jogo online* pelo póquer, há 15 anos, numa altura em que não existia legislação, atraído pela efervescência de um ambiente que hoje define como de euforia e descontrolo. O Decreto-Lei nº 66/2015, de 29 de abril, que estipula o Regime Jurídico dos Jogos e Apostas Online (RJO), tem seis anos. "Nessa época, era o faroeste, não se pagavam impostos, jogávamos com pesos de qualquer parte do Mundo. A qualquer hora da noite, podiam estar 100 mil pessoas a jogar", conta. Ainda com 28 anos, inscreveu-se num torneio e 10 horas depois acabou com um 3º lugar entre oito mil jogadores. Ganhou €35 mil.

O "dinheiro que se ganha fácil, gasta-se facilmente" e ter-se deixado inebriar pelo mundo do *jogo online*, das noitadas ao computador, das jantaras de luxo, poderia ter sido o caminho. Atribui à estrutura familiar e à mudança de rumo profissional o travão imposto. "Dei um passo atrás", diz.

Um fenómeno a crescer

O último relatório do Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos (SRIJ) revela uma ligeira descida na atividade de jogos e apostas *online* no segundo trimestre deste ano. As receitas brutas caíram para 125 milhões de euros (-2,6%) e registaram-se 151,9 mil novos jogadores (-53,9% do que nos primeiros meses do ano). A pandemia, os confinamentos, o encerramento dos casinos e o cancelamento de jogos e torneios têm provocado oscilações. A tendência continua, no entanto, a ser de crescimento — e isso salta à vista quando se olha para os resultados dos últimos anos.

Existem 15 entidades autorizadas a exercer a atividade de exploração de jogos e apostas *online* em Portugal. Desde o início de 2017, o número de licenças emitidas passou de seis para 26 e as receitas brutas quadruplicaram, de €31,4 milhões para €125 milhões.

O peso das apostas desportivas no bolo das receitas do *jogo online* voltou a estabilizar nos 54%, depois de no período homólogo de 2020, de marasmo desportivo, ter chegado a cair para os 30,2%. Socialmente encaradas como mais inocuas que os restantes jogos de fortuna e azar, para Pedro Hubert, psicólogo e presidente do Instituto de Apoio ao Jogador, são uma preocupação. "Temos tido um crescimento brutal de pedidos de ajuda na área do *online*. Há 15 ou 20 anos eram os casinos o problema, depois chegou o póquer e desde há uma década também as apostas desportivas", confirma. "Em cada cinco pessoas que nos procuram, quatro têm problemas com apostas desportivas."

A dependência do jogo, explica, depende da conjugação de três fatores: das características individuais, traços de personalidade e fatores neurológicos ou hereditários; do tipo de jogo, no que toca à frequência, o valor dos prémios, ao imediatismo da resposta, etc.; e ainda da situação, ou seja, do meio ambiente, da acessibilidade, do contexto, de uma legislação mais ou menos facilitadora, da publicidade, etc.

O *jogo online* tem a especificidade de estar acessível sete dias por semana, 24 horas por dia. Atrai jogadores mais novos — segundo o SRIJ, 59,8% têm menos de 25 anos — e, também por isso, tem outra característica: "O percurso entre o *jogo* recreativo e a dependência é muito mais curto. As vezes, basta um ano", explica Hubert. Aos 20 ou 21 anos, "ainda não se tem a capacidade de controlo dos impulsos completamente desenvolvida" e "é mais difícil gerir os chamados *cravings*", momentos de ansia ou desejo intenso, tal como acomodar a frustração da perda.

Um problema silencioso

Existem diferenças de perfil entre os fãs do *gaming* (videjogos), e os *gamblers*, que se sentem atraídos pelos jogos a dinheiro — o que torna a dependência destes mais difícil de detetar. A literatura científica descreve-os como "pessoas geralmente muito competitivas, que gostam de assumir o controlo, de ter iniciativa, com boas competências sociais, mas também manipuladoras e algo narcísicas", explica Pedro Hubert. Não raras vezes, em causa estão altos quadros, pessoas bem-sucedidas. "Só pedem ajuda quando entram em rutura financeira ou são ameaçados com divórcio" — no limite, conta o psicólogo.

A pandemia, o confinamento, a ansiedade financeira e o medo da morte formaram no último ano um *cocktail* perigoso, defende o especialista.



Em sintonia, nos últimos três meses, 93,6 mil jogadores pediram a autoexclusão, passando a estar interditos de aceder aos casinos e *sites* de apostas *online* — um número 8,7% superior ao do trimestre anterior e 65,4% maior do que trimestre homólogo de 2020.

Rui (nome fictício), informático de 45 anos, após dois meses numa clínica especializada, no Bombarral, integrou o grupo dos jogadores autoexcluídos em 2020. Passados 23 anos da primeira entrada num casino e depois um longo e intermitente currículo como jogador *online*, que lhe valeu um divórcio e dívidas que paga acumulando dois empregos.

As apostas desportivas foram a sua última paragem, cumpridos três anos sem jogar, mas não em exclusivo. "Adoro desporto, a ideia sempre foi utilizar esses conhecimentos, e no início até ganhava quase sempre. Mas o problema é que a seguir ia arriscar mais, numa aposta desportiva ou num casino. Como jogador compulsivo, o que me interessa é a adrenalina, o risco", explica.

Manter o emprego e ter "uma vida dupla, normal" tornou-se mais fácil quando trocou as idas ao casino pela sombra do ecrã do computador. Mas foi a única diferença. Jogo é *jogo*, *offline* ou *online*, e nem as apostas desportivas lhe oferecem distinção. "A adrenalina é a mesma", garante.

"Claro que existem pessoas que jogam aqui ou ali, mas depois há os jogadores como eu...", sublinha. E, para esses, confessa, uma das questões mais complicadas é conseguir gerir os impulsos, face à avalanche de publicidade. "Os anúncios de televisão mexem muito comigo. Durante o confinamento, foi incrível. Há muita falta de regulação, comparado com o que existe em relação ao álcool e ao tabaco", comenta.

Apele exterior

O Código da Publicidade, artigo 21º, apela a uma promoção "socialmente responsável" de jogos e apostas *online*, prevendo a proteção de menores e jogadores vulneráveis. Proíbe nomeadamente a utilização de mensagens dirigidas a menores, a publicidade na proximidade de escolas e a associação das concessionárias ou entidades exploradoras de jogos a qualquer referência à concessão de empréstimos.

As normas são, apesar de tudo, vagas e "estão efetivamente mais direcionadas para o mundo físico", reconhece Ricardo Henriques, sócio do escritório Abreu Advogados. Tal como acontece com o álcool, "no que toca à matéria de jogos e apostas *online*", o Código da Publicidade poderia efetivamente ir mais longe na regulação, designadamente prever uma limitação de horário, assim impedindo que este tipo de publicidade seja difundida (principalmente via internet) muito facilmente", defende o advogado.

No entanto, ressalva, foi recentemente apresentado pelo Bloco de Esquerda um projeto de lei que, em linha com o Manual de Boas Práticas à Publicidade de Jogos e Apostas, aprovado em abril de 2020 pelo SRIJ, "visa introduzir novos limites à publicidade de jogos e apostas, prevendo, designadamente, uma limitação de horário entre as 7h e as 22h30". Será agora alvo de discussão no Parlamento. Há, contudo, outras questões em aberto, como o patrocínio de campeonatos e equipas de futebol. "Essa é uma matéria que faz todo o sentido clarificar, na medida em que envolve uma exposição muito

significativa”, sublinha (ver texto ao lado).

Apostadores profissionais

A ideia de viver das apostas desportivas suscita a Mário um sorriso. “Em princípio, tem tudo para correr mal...”, alerta. Opinião diferente tem, no entanto, Paulo Rebelo. A sua história de vida é conhecida. Começou nas apostas desportivas ainda estudante da Faculdade de Economia do Porto e rapidamente percebeu que conseguia fazer muito dinheiro com isso, acabando por tornar-se *trader* profissional, corretor de apostas desportivas (está inscrito no estrangeiro, em Portugal a atividade não é reconhecida).

“Há alguns apostadores profissionais, mas o rácio é muito diminuído”, diz. “Não basta querer”, alerta em palestras sobre o tema. “No longo prazo, não se trata de sorte e azar. No meu caso, o sucesso tem a ver em primeiro lugar com um talento inato para traduzir a realidade de um jogo em probabilidades. Depois, é matemática...”

Entre os apostadores desportivos, descreve, “há quem tenha problemas com o jogo, uma minoria que tem de ser ajudada; outros, que se divertem, perdem dinheiro, mas dão por bem gastos os €5 naquela hora e meia bem passada; e depois há alguns, muito poucos, para quem as apostas podem ser um negócio muito lucrativo”. A análise quer-se fria. “Não me atraem jogos com valor esperado negativo. Não tenho o apelo do jogo. Nunca entrei num casino. Nunca fiz uma raspadinha.”

Jovens aliciados

Os pais tinham um negócio que implicava haver dinheiro em caixa e um montante diário que era levado para casa para depositar no dia seguinte. Tiago (nome fictício) tinha acesso a essas quantias e tornou-se financiador do grupo de amigos, num esquema de apostas desportivas *online*. Tinha 15 anos.

O caso é descrito pela psicóloga Ivone Patrão, professora e investigadora no ISPA — Instituto Universitário, além de coordenadora do Projeto Geração Cordão, que promove uma gestão saudável das tecnologias. A par com o vício do *gaming*, as apostas desportivas são uma realidade com que lida hoje em consultório. “Entre os jovens que jogam *online*, entre 12 e os 25 anos, o que sabemos é que 30% apresentam sinais de risco de dependência *online* — jogam mais horas, prescindem de atividades, de refeições, etc. — e 10% também apostam”, diz.

A especialista lembra que a maioria procura no jogo evitar emoções negativas, e defende que o caminho “não deve ser diabolizar as apostas desportivas e sim reforçar as competências sociais e o autocontrole” dos mais novos. Mas alerta para os riscos. “Apostar aumenta a adrenalina” e o que está em causa é igualmente a ideia de “um ganho e um reforço positivo e intermitente” que pode levar a comportamentos de dependência. “A adição é a mesma. Mas no jogo *online*, a recompensa é tão imediata que fideliza rapidamente”, diz.

A experiência da psicóloga mostra-lhe que os jovens tornam facilmente os controlos etários dos *sites* e que os fenómenos dos videojogos e das apostas se cruzam. “Os jovens jogam videojogos com amigos e conhecidos *online*, muitas vezes mais velhos, e são aliciados: ‘Não queres fazer apostas?’, perguntam-lhes.” Há sempre alguém na família que reforçou a mesada e “os pais nem chegam a perceber-se.”

tribuna@expresso.imprensa.pt

A LIGA DO JOGO: FUTEBOL NO CAMPO, APOSTAS NAS CAMISOLAS

Há 11 clubes na I Liga cujo patrocinador principal nas camisolas é uma casa de apostas. Em Inglaterra discute-se proibição

Não é que seja obrigatório, já se vive a ressaca dos efeitos da pandemia e não propriamente o que ela impôs, em força, durante tantos meses, mas ver futebol em Portugal ainda implica que muita gente o faça ao longe, através de um ecrã. Só 50% da capacidade dos estádios podia ter pessoas até quinta-feira, quando a Direção-Geral da Saúde anunciou o fim das limitações à lotação, mas, seja quantos forem os milhares, quem não vai ver a bola ao vivo tem de se contentar com a transmissão televisiva, garantida apenas por dois operadores (Sport TV e BTV). Por estes dias, é comum que qualquer espaço de publicidade antes, durante ou logo depois de cada jogo seja preenchido por um tipo de anúncio — a casinos ou casas de apostas desportivas *online*.

Mesmo com a bola a dar e a rolar, quem, esta época, assistir a um jogo da I Liga só terá um duelo em que não haverá alguma empresa desta área com o nome nas camisolas de quem estiver em campo. Entre os 18 clubes a competirem no campeonato da primeira divisão, FC Porto e Portimonense são os únicos que, de momento, não possuem qualquer patrocínio a casas de apostas desportivas, ou que também promovam esse tipo de jogo, nas suas camisolas oficiais.

Há 11 equipas que têm uma de quatro entidades deste tipo na parte da frente do equipamento usado pelos seus jogadores: Sporting (Betano), Sp. Braga (Betano), Boavista (Placard),

FC Porto e Portimonense são os únicos clubes na Liga Bwin sem qualquer patrocínio nas camisolas de jogo

V. Guimarães (Placard), Paços de Ferreira (Solverde), Famalicão (Placard), Estoril Praia (Solverde), Santa Clara (Solverde), Belenenses SAD (BetWay), Marítimo (Betano) e Moreirense (Placard). Depois, seja numa das mangas da camisola (Benfica, com a Betano) ou na zona do peito, do lado direito e em tamanho mais pequeno, outros cinco clubes (Arouca, Gil Vicente, Tondela e Vizela, com a Solverde) têm contratos com casas de apostas desportivas.

Todas as 18 equipas competem no principal campeonato organizado pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional, batizado como Liga Bwin para esta época e as quatro seguintes. Ou seja, até 2025/2026 a prova terá o nome de uma empresa de apostas desportivas. “A ligação entre as duas instituições pretende contribuir para uma competição cada vez mais emotiva e próxima dos adeptos portugueses. É verdadeiramente um momento histórico para a Liga e todo o futebol profissional”, defende a entidade, em abril, quando oficializou o acordo.

Nem aí, nem nos entretantos, alguma vez se referiu ao facto, por exemplo, de o número de pessoas que pediram a auto-exclusão de casas de apostas *online* em Portugal ter aumen-

tado 56,4% no último trimestre, em relação ao período homólogo de 2020. Tão-pouco a Liga respondeu às questões enviadas pelo Expresso acerca de eventuais práticas ou medidas da entidade para alertar os adeptos dos perigos do vício no jogo e apostas desportivas *online*. Alguns clubes contactados também não reagiram.

As proibições lá fora

O que em breve será levado a discussão na Assembleia da República (ver texto ao lado) vai abordar tópicos semelhantes, embora não tão drásticos ao que está em vigor em Espanha

Este verão, Espanha passou a proibir patrocínios e limitou a publicidade a casas de apostas ao período da 1h às 5h

desde 31 de agosto. Novas regras do Ministério do Consumo do país impedem que casinos ou casas de apostas desportivas tenham patrocínios nas camisolas, estádios ou meios de clubes de futebol e restringem a publicidade a essas empresas à madrugada, entre a 1h e

as 5h, seja em televisão, rádio ou quaisquer meios *online*. E ficaram também proibidas de utilizar “pessoas famosas” em qualquer anúncio. Na última época, apenas 10 dos 42 clubes repartidos entre a I e a II Ligas espanholas não tinham um acordo com casas de apostas.

Em Inglaterra, nove dos 20 clubes da Premier League têm este tipo de patrocínio na atual época, além dos seis na segunda divisão, cujo nome oficial é Sky Bet Championship. A semana passada, o “The Guardian” noticiou que está iminente uma proposta para limitar, ou mesmo banir, a hipótese de empresas estrangeiras poderem ter

acordos com clubes britânicos. O diretor da English Football League (EFL), que gere todas as ligas profissionais abaixo da Premier League, criticou a ideia: “Estamos preocupados, porque os patrocínios do sector das apostas são uma parte importante das [nossas] finanças.” Em contexto de pandemia, acordos com estas empresas em Portugal, e não só, oxigenaram de euros os pulmões de muitos clubes de futebol.

Por isso mesmo, Gabriele Gravina, o presidente da Federação Italiana de Futebol, enviou, em agosto, uma carta ao Governo do país propondo que a proibição à publicidade a empresas de apostas desportivas no desporto — em vigor desde o verão de 2018 — seja levantada pelo menos durante dois anos. “Estamos numa encruzilhada. Temos de agir rápido para prevenir que esta crise obrigue os clubes a bloquearem a sua atividade”, apelou o dirigente.

DIOGO POMBO

dpombo@expresso.imprensa.pt